

Travão económico: o seguro é o seu airbag!



Uma dupla ameaça paira sob as empresas, nomeadamente as pequenas e médias. Às consequências diretas da recessão acrescem os novos riscos relacionados com as atitudes dos empreendedores: planos de redução dos custos, reestruturações, atritos com acionistas, clientes, fornecedores e empregados. O impacto na atividade e no management das PME pode ser catastrófico!

As incertezas e a falta de visibilidade económica favorecem a emergência destas tensões que afetam as organizações e os seus dirigentes no momento em que são menos desejáveis. Notámos isso em diferentes períodos de crise: choques petrolíferos dos anos 70, crash de 87, estouro da bolha tecnológica no início do século e, recentemente, a crise no setor da construção civil. **Cada vez mais as relações entre as empresas e as entidades com as quais se relacionam são afetadas, aumentando o número de incidentes e litígios.** Os colaboradores contestam com mais facilidade a gestão e as decisões tomadas pelas administrações. Os clientes e os parceiros temem insuficiências e renegociam os acordos e os contratos. Os acionistas acusam o management de falta visão e de má gestão de riscos.

Os próprios dirigentes multiplicam-se em esforços para conseguir ultrapassar a crise da melhor forma apesar de saberem que um erro pode afetar a performance da empresa e, até, destruir a sua reputação. Os cortes financeiros e outras reduções de efetivos traduzem-se numa multiplicação de reclamações em diferentes áreas. Os incidentes multiplicam-se, afetando por razões óbvias os dirigentes que, por força da sua visibilidade, cristalizam as frustrações.

Num período de crise as empresas precisam de um piloto e não de um culpado. A relação de confiança entre a empresa e as entidades que com ela se relacionam é necessária para alcançar esse objetivo. **Os litígios podem pôr em perigo uma empresa independentemente do seu desempenho financeiro e comercial.** Podemos aceitar as consequências destes riscos? Certamente que não. O segurador está presente para parar o ciclo vicioso, tomando a seu cargo os sinistros cobertos, através dos contratos de responsabilidade civil profissional, responsabilidade civil dos gestores ou responsabilidade civil de exploração do negócio.

O seguro enquanto facilitador da tomada de risco

O segurador tem um papel fundamental no acompanhamento operacional e estratégico das empresas. Ao intervir no processo de prevenção e gestão de riscos, promove o surgimento de ideias ousadas, criadoras de valor. Protegendo os dirigentes, cria o cenário perfeito para habilitá-los a impulsionar os negócios com agilidade. Numa altura em que as escolhas são críticas e as mudanças necessárias, o seguro garante uma decisão tomada com serenidade e facilita a tomada de riscos.

As dificuldades de algumas seguradoras e o impacto da crise, apesar dos comentários

tranquilizadores de observadores, exigem uma reconsideração das regras de funcionamento deste setor. **Há que confirmar e reforçar o nosso papel de facilitador, redutor de riscos e gerador de oportunidades. Três princípios devem guiar esta abordagem: especialização, pragmatismo e pedagogia.**

No mundo inteiro, embora por efeito dominó os investimentos desastrosos nos “ativos tóxicos” não parem de fazer vítimas, é nosso dever reorientar o modelo de negócio na profissão de segurador. Podemos ganhar a vida com os prémios mas precisamos de justificar a confiança dos nossos clientes através do pagamento de sinistros. Os nossos segurados podem sentir a estabilidade do nosso negócio. É apenas ao manter as nossas promessas e agindo tão virtuosamente quanto se espera de nós que poderemos restaurar a reputação e a dignidade do segurador.

O mercado potencial é um reflexo da extensão dos riscos do século XXI. Mas é preciso saber convencer. **A maioria dos gestores empresariais negligenciam os seus riscos. Conduzem sem air-bag!** A nossa sensibilidade e segurança devem facilitar a ousadia e a ação dos empresários. Afinal, são eles que vão (re)criar o valor do nosso sistema económico.

“Há muitas maneiras de falhar, mas a mais segura é nunca correr riscos”, afirmou Benjamin Franklin. Para atenuar a crise, a seguradora deve ajudar a tomada de risco, ou até mesmo acelerá-la. É também necessário que os empresários, os gestores de PME em particular, estejam conscientes disto.